

Apresentação

A inspiração para escrever esta apresentação vem de Gilberto Gil e de todas as boas energias que envolveram a homenagem que a UERJ prestou recentemente a esse grande mestre da cultura brasileira, reconhecido como Doutor Honoris Causa pela nossa Universidade. Muito mais do que o título formal, acredito que para ele tenha valor a demonstração de afeto, a sinceridade e o espírito, que nortearam o emocionante evento. Obrigado à UERJ por ter permitido a mim e a minha filha estarmos ali, naquele lugar, naquele dia; cantarmos e chorarmos juntos, “bem perto de Gilberto”, como diz a canção composta por sua amiga Rita Lee.

Em uma outra homenagem, esta da Universidade Nova, de Portugal, Gil se autodenominou “cantor do simples, do sutil, quiçá do belo, por vezes acossado e assustado pelos horrores de um mundo traiçoeiro, mundo esse que é forçoso também contar no meu canto”. Salve Gil e todos aqueles que constroem pontes entre brancos e negros na luta contra o racismo! Que os deuses, budas e orixás nos deem forças para perdoar nossos traidores, caluniadores e difamadores! Que, na luta contra toda e qualquer forma de opressão, tenhamos sabedoria para identificar nossos verdadeiros algozes, distinguindo-os daqueles que, por estar junto, estão também sujeitos a imprecisões, mas que, antes de tudo, estão ao nosso lado.

Este poderia ser um dossiê sobre comunicação antirracista. A ideia já havia sido proposta anteriormente por um de nossos colaboradores negros, apoiada por mim e, no entanto, não foi adiante. Mas, a força dessa ideia se fez presente de forma mais espontânea. Recebemos muitos textos que falam sobre essa temática, alguns recusados por problemas diversos, outros aqui editados. Que este seja, então, um ensaio para algo mais formal nesse sentido. A RCD, mesmo em mundo “traiçoeiro”, seguirá firmemente engajada nessa luta, que é de todos nós.

Nossa primeira resenha traz à tona um dos textos da escritora Júlia Lopes Almeida (1862-1934), a única mulher que participou da idealização da Academia Brasileira de Letras. E, por ser mulher, precisou ceder a sua vaga ao seu marido, segundo nos conta Hélia da Silva A. Cardoso, a autora da resenha. O pioneirismo de Júlia Lopes aparece também no seu estilo de narrativa que se distancia dos padrões convencionais do romantismo hegemônico da época. E, ainda mais do que isso, no texto analisado, “A nevrose da cor”, a autora antecipa também Bram Stoker que, oito anos após, iria publicar “Drácula”. Não obstante, o personagem mítico do vampiro teria sido introduzido pela primeira vez em 1819, por John William Polidori, no texto “The vampyre”.

No conto da autora carioca, o personagem aparece encarnado na princesa egípcia Assira que, obrigada a aceitar um casamento arranjado para ascender ao poder, desenvolve uma doença de obsessão pela cor vermelha, que a leva a se alimentar do sangue dos seus escravos e, em desfecho trágico, do seu próprio sangue. Nesse sentido, a autora é também pioneira ao tratar do tema da sexualidade feminina em um contexto em que este era inteiramente negligenciado dentro do sistema patriarcal. Muito obrigado Hélia por atualizar as memórias em torno de uma das nossas escritoras mais importantes, pouco conhecida pelo grande público.

A resenha de Raquel Figueiredo Barreto do livro “Raça” coloca em foco a temática do racismo. Embora a capa seja de certa forma ambígua ao apresentar um homem ao lado de um cavalo, o modo como os capítulos estão organizados e dispostos no sumário logo revela a sua

temática central. Se cada personagem dá nome a um capítulo, o personagem principal é apresentado da seguinte forma: “Jarret, propriedade de Tem Broek”. O livro ocorre em duas temporalidades distintas, que trazem em comum - guardados os respectivos contextos - o fenômeno do racismo. Ao relacionar essas temporalidades, a autora evidencia o caráter estrutural dessa questão.

No passado, a trama principal de “Raça” gira em torno de Jarret, um cavalariço negro que nasce escravo e é acompanhado pelo pai, o qual cuida do seu cavalo e tenta comprar a sua liberdade. No presente, a história começa a partir dos achados de uma ossada, por Jess, e de um quadro com uma pintura de um cavalo, por Theo, ambos os personagens vivendo no presente as angústias do preconceito racial. Segundo nossa resenhista, o livro é leve e envolvente, o leitor não quer largar. Imediatamente me lembrei de “Um defeito de cor”, obra-prima nacional de Ana Maria Gonçalves. Fica a dica para resenha!

Uma das gratas surpresas desta edição foi receber a resenha do livro “O Espaço do cidadão”, de Milton Santos, um dos principais pensadores brasileiros, elaborada por Isadora Ortiz Coelho. Ainda na década de 1980, o autor mostra que o valor atribuído a um indivíduo ou grupo depende de sua localização na cidade. Milton Santos mostra como a ocupação do espaço urbano condiciona o acesso à serviços, renda e cultura e, nesse sentido, como a lógica de mercado governa essa ocupação, oferecendo oportunidades a uns e impondo limites a outros. O texto abre as portas para uma série de debates, tais como a relação entre centro e periferia, a mobilidade na cidade, a distribuição dos equipamentos culturais no espaço urbano, a necessidade de políticas públicas que atendam aos diversos espaços urbanos em suas particularidades, entre outros. Um prazer revistar um texto tão importante para a compreensão da relação entre espaço e desigualdades sociais.

O primeiro artigo deste número traz à tona a luta dos povos originários por sua auto-representação. Seja visto de forma idílica pela literatura romântica ou representado com mais propriedade e de forma mais fidedigna pela antropologia, que ressalta sua diversidade, o fato é que os povos originários são quase sempre representados por um outro, encontrando pouquíssimo acesso à mídia convencional. O texto de Gisele Veríssimo da Silva mostra como as novas gerações de povos indígenas vêm se apropriando das modernas tecnologias de comunicação para criarem novas formas de representação de si. Tais iniciativas de autorrepresentação, ao mesmo tempo que fortalecem suas identidades e tradições, contribuem para a redução dos preconceitos na medida em que um público mais amplo entra em contato com estes canais. Ao lado das iniciativas mais individualizadas apresentadas no texto, merecem destaque também aquelas organizadas a partir da perspectiva da antropologia compartilhada, tais como a do Vídeo nas Aldeias, uma das pioneiras no intuito de promover a autorrepresentação; as rádios indígenas, tais como a Rádio Yandê; e outros projetos de comunicação, tal como o da Rede Mocaranga, que já foi analisado no nosso quinto número. O texto de Gisele oferece estímulo para a pesquisa sobre os modos como vem se dando estas iniciativas e seus impactos sociais.

O segundo artigo, de forma criativa e poética, retoma a temática do racismo, foco deste número. Por meio da análise - baseada na proposta metodológica de Antônio Cândido para o estudo da poesia - de quatro canções inseridas na premiada obra “O avesso da pele”, de Jefferson Tenório, Émile Cardoso Andrade e Vinícius Moraes dos Santos nos revelam diversas camadas de significação por trás desta estratégia narrativa. Os autores conseguem estabelecer paralelos entre o personagem principal do livro, o professor Henrique, um homem negro, e a vida dos autores das músicas analisadas, também homens negros, o que nos permite perceber

as potências ética e estética da inserção destas canções na obra literária. Embora o livro analisado coloque em primeiro plano o preconceito racial sofrido por Henrique, o texto e as canções analisadas trazem também para o debate outros temas, tais quais a diversidade cultural, a formação da identidade e a ausência do pai. Convidamos nossos leitores a realizar este mergulho nas relações entre a literatura e a música para acessar as diversas camadas de conhecimentos trazidas por Émile e Vinícius.

O terceiro artigo que compõe este número realiza, à luz das reflexões e do método de análise de obras artísticas proposto no âmbito do Círculo de Bahktin, uma análise das reações de internautas às mudanças físicas de uma personagem da *Walt Disney* em sua nova versão. Estamos falando da animação “The little mermaid” lançada em 2023, na qual a protagonista, a Pequena Sereia, é representada por uma atriz negra. As análises de Tatiane L. Moreira et al sobre os comentários do *trailer* do filme evidenciam o seu caráter racista e apontam mais uma vez para a importância do controle da *internet* como ambiente expressivo. Embora faltem elementos para que o método proposto seja aplicado em sua plenitude – o principal deles talvez sejam os contextos sociais de enunciação dos comentários – o exercício de análise nos pareceu bastante satisfatório ao revelar aspectos extraverbais que denunciam o racismo presente nos enunciados.

E, por fim, temos o relato do Prof^o Andriolli de Brites da Costa e de sua bolsista Maria Raiane Oliveira sobre as experiências no Laboratório de Podcasts Narrativos da UERJ. Iniciadas em 2023, as experiências com essa nova linguagem sonora já acumulam conhecimentos significativos, tanto por meio das oficinas realizadas quanto dos programas gravados, que versam sobre diversos temas. Além disso, o projeto já conta também com parcerias importantes, sejam institucionais ou de especialistas na área. Parabéns pela importante iniciativa e vida longa para o Lunar!

Para encerrar essa apresentação, gostaria de agradecer a colaboração e o afeto daquela que foi até hoje a mais importante bolsista da RCD. Ao longo dos últimos dois anos, pudemos contar com a generosidade, prontidão, dedicação e competência de Thais dos Santos Andrade Pinho que, feliz e infelizmente (rs), está se formando no final deste ano. Muito obrigado, Thais! Que sua vida seja repleta de outras grandes realizações! E, que a RCD tenha contribuído de alguma forma para a sua formação enquanto profissional, cidadã e ser humano.

Marcelo Hernandez Macedo